

MULHERES MARAVILHAS: O PAPEL DA MULHER NOS QUADRINHOS DE SUPER-HERÓIS

Sávio Queiroz Lima¹

Resumo: *Este artigo trata de uma reflexão acerca do papel da mulher nas produções de Histórias em Quadrinhos do gênero “Super-Heróis”, entre os anos de 1940 até a atualidade, abordando as mudanças ocorridas e os valores e conceitos estabelecidos e refletidos na mídia Quadrinhos sobre a sociedade norte-americana, posteriormente sociedade globalizada, do período seletivamente escolhido sobre o papel da mulher, como também a participação feminina na construção da mitologia moderna dos personagens super-poderosos dos Quadrinhos, dos anos de 1940, com o surgimento da Mulher-Maravilha, passando por personagens de considerável destaque, como Mulher-Invisível, até o que se é percebido nos dias atuais. As mudanças, avanços e retrocessos, ocorridos nas ideologias das décadas pesquisadas e nas próprias personagens na indústria editorial dos Quadrinhos são percebidos como reflexos da mentalidade sobre feminilidade dos momentos históricos em que essas personagens, suas criações e modificações, se encontram. O papel da mulher no quadrinhos de Super-heróis, carro-chefe da produção mais numerosa no específico mercado, não só reflete o pensamento social vigente em cada um dos períodos estabelecidos como também demonstra as mudanças ocorridas para agradar o público consumidor.*

Palavras-Chave: Mulheres nos Quadrinhos; Super-heroínas; História de gênero nos Quadrinhos; Quadrinhos e gênero; Mulher-Maravilha.

I. INTRODUÇÃO

Toda produção humana é reflexo da sociedade em que está inserida, com seus valores específicos e suas mentalidades. A produção humana que damos o nome de Quadrinhos, aqui no Brasil, expressa de forma direta e muitas vezes indireta o modo de pensar a sociedade local e temporal. Através de uma análise minuciosa de delimitados períodos de tempo, entende-se com facilidade certa maneira de se conduzir os personagens e os valores por eles propagados. Entre os valores que essa peculiar produção humana pode nos fornecer em informação histórica está a questão de gênero, o papel que as mulheres desempenharam nesses espaços de tempo específicos e o seu reflexo na produção literária, em particular, nos quadrinhos.

O nosso trabalho tem como objeto de estudo os quadrinhos de super-heróis, que a partir dos anos de 1940 são bastante produzidos (por originalidade e rentabilidade) e apresentarão o papel da mulher na sociedade norte-americana.

Além dessa especificação da análise dessa questão de gênero no contexto americano, a partir dos anos de 1940 até os dias atuais, e da produção de quadrinhos do gênero chamado super-heróis, esta pesquisa prioriza as personagens que mais ganharam destaques durante esse

¹ Acadêmico do Curso de História da Universidade Católica do Salvador - UCSal. savio_roz@yahoo.com.br. Orientadora: Márcia Maria da S. Barreiros Leite, Professora Doutora do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Católica do Salvador - UCSal.

processo, sejam confirmando seus papéis na estrutura social patriarcal ou apresentando suas conquistas.

Faz-se necessário compreender as mudanças no mundo, políticas e econômicas, até mesmo culturais, que são expressadas sutilmente nos quadrinhos, como se fossem coisas naturais. E o são, já que acompanham as jornadas e mudanças das sociedades na carne, são obras diretas do que acontece na história e recebem tanta influência quanto propagam. E o papel da mulher nas obras/revistas em quadrinhos vai se modificando conforme as mudanças experimentadas na sociedade norte-americana e, por conseguinte, noutras sociedades, haja vista o processo de globalização mercadológica desse produto.

II. MULHERES NAS REVISTAS EM QUADRINHOS

Assim como na literatura convencional e nas outras produções artísticas e de mercado, o papel da mulher sempre foi avaliado a partir dos valores de uma cultura patriarcal, que sempre construiu seus ideais, principalmente quando estes diziam respeito aos modos, vestimentas, comportamentos e hierarquia social e familiar das mulheres.

Esses valores estavam impregnados na família e até mesmo na educação das meninas em colégios desde as décadas de 1930 e 1940 nos Estados Unidos.

Como boa parte da produção de quadrinhos anteriores aos anos de 1940 era de revistas cômicas (o que derivou sua denominação, *comics*, nos EUA) e a figuração feminina correspondia, em grande número, de meninas de pouca idade, sua identificação com a realidade social não ultrapassava os limites da condição de criança.

Em sua grande maioria, essas figuras femininas eram coadjuvantes de histórias de personagens masculinos, como é o caso dos personagens como Little Nemo e Yellow Kid. (1905 e 1895, respectivamente). O que não quer dizer que não houvesse produções em que a personagem principal fosse do sexo feminino, como nos prova Álvaro de Moya com Bécassine (1908), Winnie Winkle (1920), Aninha, a pequena órfã (1924), Blondie (1930) e Betty Boop (1931), entre outros exemplos (MOYA, 1996).

Exceto a icônica Betty Boop, as outras personagens nunca ganharam destaque, mostrando que o gênero masculino, assim como na idealização social, predominava nas narrativas em quadrinhos. Nesses quadrinhos a mulher ocupava o papel de donzela em perigo, amantes dos heróis e vilãs. Mas os quadrinhos anteriores aos anos de 1940 nunca alcançaram o ápice mercadológico que os do gênero de super-heróis.

Seu grande precursor foi o Super-homem, criado em 1938, pelos amigos Jerry Siegel e Joe Shuster. Até então não existia o conceito de “super-herói”, muito menos uma idéia tão grandiosa de mercado de quadrinhos. O personagem não só abriu espaço para uma nova visão de gênero literário como para uma nova visão de mercado. Mas ele ainda possuía elementos das produções anteriores, como o próprio papel das mulheres. Lois Lane, a eterna namorada do Super-homem, que não passava da donzela indefesa, como já vinha sendo feito, nessa tradição quase medievalista.

É preciso, antes de continuar, explicar por que a escolha central do tema no gênero super-herói. Com essa abertura de conceitos e visão de mercado, os quadrinhos deixaram de ser somente uma produção literária pré-capitalista, praticamente eram romances com desenhos, consumidos timidamente. Esse novo patamar representa um leque maior de possibilidades de

influências, sejam da sociedade para os quadrinhos, sejam dos quadrinhos para a sociedade. O papel da mulher nesse momento é mais crucial, pois a representatividade era maior que no período anterior e atingia um público mais amplo.

Os quadrinhos mudaram no mercado editorial, seu valor enquanto produção também, assim como seu personagem central tornou-se divino, com poderes para enfrentar diversas situações até então não pensadas. Mas o papel da mulher continuava o mesmo. Como definiu o artista e roteirista moderno de quadrinhos, John Byrne, em matéria para a revista *Wizard*, de outubro de 1996, que “ser a namoradina do super-herói e/ou a refém foi mais ou menos o papel de todas as mulheres no passado”, dando continuidade ao que já era corriqueiro.

A indústria dos quadrinhos se desenvolvia rapidamente após a explosão chamada Super-homem. Logo começaram a nascer dezenas de personagens para competir nesse novo e rentável mercado. Inicialmente eram versões alteradas do homem de aço, logo a imagem de homens de colant e capa tornou-se um padrão. Esse mercado evoluiu tão rapidamente que em menos de dois anos já havia reorganizado suas próprias estruturas com uma diversidade irrefreável de poderes e nomes.

Logo se percebeu que o personagem por si só não estava alcançando uma representatividade com o público juvenil e era árduo criar situações em que os personagens tivessem que explicar solitários seus atos. Assim nasceu o “aprendiz” do personagem principal, um tipo de versão juvenil do super-herói, como contraponto de diálogo, fazendo o público mais infantil se identificar.

Esses aspectos que a recém-nascida indústria dos quadrinhos reorganizou na sua produção mercadológica delimitavam um público-alvo, sendo infanto-juvenil masculino. E à medida que acertos editoriais eram feitos, visando atingir ainda mais forte esse público-alvo, questões eram deixadas de lado. Como explicitou o roteirista e ex-editor da Marvel Comics, Stan Lee, numa entrevista a *Revista Wizard* de outubro de 1996, “nosso trabalho é agradar o público. Se pararmos de agradar, deixamos de ganhar dinheiro”.

Mas esse pensamento não estava tão concreto, como percebe-se com perfeição na atualidade, naqueles idos de 1940. Não se entendia a questão da diversidade no mercado, a busca em agradar vários mercados e públicos-alvo diferentes como acontece com a inesgotável variedade de títulos e obras em quadrinhos para todas as idades e gostos. Naquele momento, apenas esse rentável acerto, talvez por um receio diante de um mercado novo, fazia-se presente. Dessa forma, os primeiros anos eram apenas repetições de personagens e conceitos.

Com tantos personagens masculinos sendo repetidos desde os tempos da literatura romântica, o público-alvo feminino tinha poucas escolhas. Acompanhar esses heróis serem objetos de desejo de mocinhas indefesas sustentava a todo o momento o papel de submissão da mulher. Leitoras desse período tinham que se contentar com os papéis que eram apresentados, tradicionalmente escritos como coadjuvantes indefesas e com a inegável necessidade de serem salvas pelos romantizados heróis. Agora, super-heróis. Mas as mulheres continuavam as mesmas.

Porém, foi esse mesmo mercado tão novo e dinâmico, experimentador de novidades que eram testadas e avaliadas pelo crivo popular, que um homem pensou o novo a partir de suas próprias concepções. Não só esse indivíduo fugia à regra de criadores de personagens à época como também usou um caminho novo, até então não pensado.

Até então, como ocorreu com o Super-homem, o Batman e o Capitão América, os personagens eram produtos da criatividade de jovens influenciados por uma literatura pseudo-

científica, especificamente direcionada para um público adolescente, revistas de ficção com baixo preço chamadas de pulps, que fora publicada, anterior ao surgimento dos super-heróis, entre os anos de 1900 a 1955 (GRESH, 2005, p 12).

Foi dentro desse universo criativo de jovens promissores e seus fabulosos homens voadores e fortes que um psicólogo criou a primeira super-heroína. O doutor Willian Moulton Marston possuía uma maneira de pensar singular para um homem da época. Sua formação em psicologia e seus importantes avanços nos estudos sobre a alteração na pressão sanguínea nos seres humanos quando mudam suas emoções, em particular, quando submetidos a exames de veracidade, fundamentaram a criação da personagem feminina mais popular dos Quadrinhos, a Mulher-Maravilha.

Defendeu sua tese sobre alteração da pressão sanguínea na Harvard University, em 1921. E entre outras teses que defendia estava o estudo sobre as relações entre homens e mulheres, onde o cientista Ph.D. fundamentou a idéia de que as mulheres são mais sinceras e honestas, coisa objetivada em seus estudos sobre entendimento neurológico e emocional. Como define o colunista virtual Ernesto Ribeiro, a pioneira Mulher-Maravilha “nasceu de uma tese acadêmica. Criada por um doutor em psicanálise, a Mulher-Maravilha é a mais culta de todas as personagens de gibi” (RIBEIRO, 2006).

Marston era um teórico feminista, como ficou claro diante de suas concepções e fundamentações, e sua criação nos quadrinhos era a confirmação disso. Na matéria de Beth Hannan Rimmels para a revista Wizard, já citada, Marston demonstra seu posicionamento na criação da Mulher-Maravilha quando diz que “as fortes qualidades do sexo feminino foram menosprezadas. A solução óbvia é criar uma personagem feminina com toda a força de um super-homem, mas com o fascínio de uma bela mulher”.

Sua criação foi lançada em dezembro de 1941, na edição de número 8 da revista All Star Comics. Nesse período era comum que os personagens nascessem de revistas genéricas e não nas suas próprias, atendendo uma estratégia de mercado onde um personagem que ganhasse relativa popularidade seguiria adiante na distribuição com sua própria revista solo, o que de fato ocorreu com os mais importantes personagens, inclusive com a Mulher-Maravilha.

Neste trabalho, Marston não estava sozinho, pois contava com os traços e co-autoria de Harry Peter e opiniões de sua esposa Elizabeth Holloway, também formada em psicologia. Elizabeth não só auxiliava o marido na construção da personagem, como foi a modelo visual da mesma. Mas os traços da personagem não se limitavam à sua esposa, pois Marston mantinha uma relação de bigamia com sua aluna Olive Byrne, com o consentimento de Elizabeth.

A Mulher-Maravilha levantava a bandeira da utopia feminista de seu criador, sendo escrita por ele até a sua morte, em 1947. Segundo Ernesto Ribeiro, em seu ensaio, o doutor Marston elaborou a Mulher-Maravilha com o objetivo de ilustrar sua tese revolucionária de trazer novamente o matriarcado. Que a submissão do sexo masculino ao sexo feminino poderia trazer um mundo de paz, onde os homens seriam “escravos voluntários das mulheres”, e estas “se realizariam seguindo a vontade de seus homens” (RIBEIRO, 2006).

A política de submissão de Marston refletia suas preferências sexuais, radicalmente citadas por Ribeiro como perversões. Esse encontrar “o paraíso um no outro” era o caminho trilhado após estabelecer a sociedade matriarcal, utilizando-se da mídia popular dos quadrinhos, para pôr em prática o pensamento de Marston. E essas concepções sexuais estavam presentes na Mulher-Maravilha.

A personagem tem como elemento estrutural simbólico e prático o chamado “laço da verdade”. Era o construto simbólico do detector de mentiras, instrumento que teve a brilhante participação do Dr. Marston na sua criação. A Mulher-Maravilha simbolizava toda a verdade inerente ao sexo feminino e sua batalha pela paz, modificando o papel da mulher nos quadrinhos daquele período.

A Mulher-Maravilha foi a primeira super-heroína a ganhar destaque, mas não foi a primeira personagem de quadrinhos para isso. Lois Lane, das páginas do Super-homem, já ganhara um significativo patamar dentro da recente mitologia de super-seres, um período que podemos definir como “idade de ouro” dos quadrinhos de super-heróis. Mas, como já foi dito, sua função não era muito diferente das outras mocinhas que dividiam páginas com os super-heróis principais.

De acordo com um dos grandes escritores de quadrinhos dos anos de 1980, John Byrne, na matéria da Wizard, “Lois refletia a percepção masculina do que a mulher queria”. Como é explicado na mesma matéria, a personagem que fazia par romântico com o Super-homem foi criada num período de guerra onde os rapazes singravam o oceano, deixando de lado um número maior de mulheres e vagas no mercado de trabalho.

O êxodo de guerra desses homens e rapazes abriu vagas de trabalhos diferentes para a mulher dos anos de 1940. O papel de repórter do Planeta Diário, jornal fictício onde Lois e o alter Ego do Super-homem, Clark Kent, trabalham, reflete através de Lois Lane o papel social da mulher na época. Eram funções novas e as mulheres exerciam novos papéis que se refletiam nessas histórias em quadrinhos.

Mas Lois Lane ainda era a mocinha raptada a ser salva pelo herói, como era tradicional. Sua condição só ganhou uma melhora pouco significativa nos desenhos animados dos irmãos Fleischer, pois a personagem entrava em situações de risco por suas habilidades investigativas, fato diferente da tola mocinha de antes. Mas isso ainda era pouco.

Apenas em meados dos anos de 1980, com o trabalho de John Byrne na reformulação e modernização do Super-homem, foi que a personagem ganhou um papel mais respeitado, condizente com a realidade da mulher, em muitos momentos até mesmo salvando o Super-homem de perigos.

Mas, voltando aos anos de 1940, a Mulher-Maravilha segurou mais fortemente a bandeira ideológica de seu criador por pouco tempo. Marston morreu em 1947, deixando sua órfã nas mãos de autores que colocavam-na em situações constrangedoras, contrariando as expectativas de seu criador de respeito com as mulheres.

Assim como seu “colega” Super-homem, a Mulher-Maravilha passou por reformulações até chegar a mais respeitosa delas, nos anos de 1980. Porém, foi nos anos de 1950 que ela enfrentou seu mais temível obstáculo. As perseguições políticas e ideológicas sofridas durante a “Caça às bruxas” de 1955, por conta da Guerra Fria e do Macartismo, atingiram em cheio à revolucionária Mulher-Maravilha.

Um psiquiatra alemão da época, Frederic Wertham, começou sua cruzada contra os quadrinhos por ele acusados de “corromperam a mente infantil com perversões morais e sexuais”, transformando crianças em delinquentes, entre outros absurdos, acusando personagens de homossexualismo, como Batman e Robin e, também de comunismo, como foi o caso do Super-homem. Os quadrinhos passaram por mudanças para sobreviver a essa onda que culminava em revistas sendo queimadas em praças nessa inquisição ideológica.

A Mulher-Maravilha foi acusada de ser “antimasculina” e o feminismo expressado pela personagem logo foi classificado como lesbianismo. Os elementos sexuais do criador Marston logo foram supervalorizados para servir de combustível às acusações. Por ser a personagem que mais desviava do estereótipo de vítima indefesa que precisava do auxílio de um personagem masculino principal, a Mulher-Maravilha foi arduamente perseguida e teve de modificar-se e tornar-se mais tola para atender as exigências do chamado Comics Code Authority, justificado pelo senado americano para controlar essa mídia.

O papel da mulher nos quadrinhos de super-heróis só ganharia novo destaque nos anos de 1960, com a personagem Mulher-Invisível. Os anos de 1950 experimentaram um conservadorismo que refletia a vontade de tornar a mulher o “sexo frágil” principalmente em personagens de quadrinhos. Entre os anos 50 e 60, as personagens mais pareciam paródias do feminismo, com personagens como Bat-Mulher que utilizava-se de uma bolsa com objetos modificados, mas que eram representações de artigos femininos, como batons, perfumes e porta pós-de-arroz.

Muitas personagens apresentavam essa submissão feminina enquanto potencialidade, como é o caso da Bat-moça dos anos 60, que possuía a graduação marcial de faixa marrom em judô, enquanto que o Batman já era faixa preta em diversas escolaridades de luta. Isso deixava claro a idéia de que mulheres não tinham capacidades de competir de igual com homens. A Bat-moça, Bárbara Gordon, só ganhou destaque após os anos de 1980. Hoje ela é uma personagem importantíssima no universo dos quadrinhos, não mais uma super-heroína de uniforme, mas uma habilidosa hacker. Interessante dizer que também é uma personagem com deficiência física, mas isso não atrapalha seu papel mais respeitoso.

Mas foi a Mulher-Invisível que trouxe à tona a mulher num papel de destaque. O Quarteto Fantástico, grupo ao qual a Mulher-Invisível faz parte até os tempos atuais, surgiu nas revistas norte-americanas em dezembro de 1961 pelas mãos de Stan Lee e Jack Kirby, como uma tentativa mercadológica capitalista de concorrência com um grupo de super-heróis que muito vendia na época, a Liga da Justiça. Para competir com a revista de grupo de grandes nomes, Lee e Kirby fizeram o impensado, não fizeram uma imitação, mas, sim, uma releitura.

O Quarteto Fantástico não age como um grupo, mas como uma verdadeira família de super-seres com poderes individuais e trabalho de equipe. Diferentes dos ícones da Liga da Justiça, “seus personagens tinham traços característicos e personalidades humanas”, o que era uma novidade até então. Cada membro do Quarteto tinha qualidades e defeitos, problemas pessoais e dificuldades que eram acompanhadas, pois “outra mudança introduzida por Lee foi o uso das histórias de continuação na revista” (GRESH, 2006, p.47). Essa continuação e os papéis diferenciados dos personagens se completavam com suas posições de igualdade, ou seja, não havia um membro mais favorecido no Quarteto Fantástico. O papel da mulher estava garantido como uma igual.

O vanguardismo do Quarteto Fantástico não se limitava ao papel de igualdade da personagem feminina com seus companheiros de aventura. Era comum, até então, as personagens femininas serem versões em nomes e poderes de suas partes masculinas mais poderosas. Sue Storm, a Mulher-Invisível, não só tinha um poder original enquanto personagem de quadrinhos como também contrariava o estereótipo de mulheres diferenciadas, ou seja, tradicionalmente Sue ainda era dona de casa e mãe nas horas vagas.

Isso, de certa forma, foi um problema nos anos 70, enquanto feministas lutavam por posições sociais e empregos iguais, a personagem continuava tendo seu papel familiar definido, mas seu nome no original em inglês ainda era Invisible Girl (“Garota Invisível”). Com as

revistas ganhando sua seqüencialidade, Sue casou-se com seu colega de grupo e teve filhos, outra inovação na época, mas sua identidade continuava como “garota”. Somente nos anos 80 sua condição se modificou, mas não por menos: enfrentou um grande vilão sozinha e venceu. Por si mesma, resolveu mudar o nome. Esse período não foi sentido da mesma forma, já que as editoras que compravam esse material traduziram desde o início seu nome como Mulher-Invisível. Nós nunca tivemos a moça a ser modificada para mulher, mas acompanhamos seu sobrenome mudar para Richards em seu casamento e o nascimento de seus dois filhos na realidade fictícia dos quadrinhos.

Stan Lee seguiu sua estratégia de humanização dos personagens, acrescentando suas criações com problemas de relacionamento e questões pessoais que remetiam ao que os adolescentes do período estavam vivenciando. Pode-se dizer que “foi a mudança que tirou os quadrinhos das crianças e os devolveu a adolescentes e adultos” (GRESH, 2006, p.48). Não é à toa que muitos de seus personagens como Hulk, Homem-Aranha e vários membros dos X-men ganharam notoriedade e destaque no mercado dos quadrinhos.

O criador do Homem-Aranha sabia fazer novelas que encantassem o público, e foi nas próprias páginas de sua criação que ele deu vida a personagens femininas que também ganharam destaques, mesmo sem super-poderes. O seu personagem, Homem-Aranha, criado em agosto de 1962, destacou-se por ir contra as regras de super-heróis. Atrapalhado, indeciso, a história do Homem-Aranha foi a primeira que reconheceu “que super-heróis eram gente e, como tal, nem sempre faziam a coisa certa. Ou mesmo a coisa mais inteligente”, dessa forma “o Homem-Aranha foi o primeiro herói dos quadrinhos moderno e baseado na realidade” (GRESH, 2006, p.91).

Pelo mesmo motivo, foi surpreendente quando Stan Lee chocou seus leitores com duas situações envolvendo mulheres que marcaram a história dos quadrinhos. No primeiro momento, Lee escreveu diferente do que acontecia em relação ao papel da vítima que sempre é salva pelo paladino moderno. Gwen Stacy, primeiro par romântico do Homem-Aranha, morreu nas mãos de um vilão, não sendo salva pelo herói. Na segunda situação, o tímido Peter Parker, alter ego do Homem-Aranha, recebe a visita de sua futura esposa, Mary Jane Watson.

Com sua primeira aparição bem peculiar em 1966, adentrando as páginas da revista do Homem-Aranha com toda a determinação de uma mulher moderna ao tempo, Mary Jane tornou-se um ícone, símbolo de desejo de jovens rapazes leitores que se identificavam com o herói. Mary Jane representou a mulher que direcionava a própria vida sem a espera de atitude do personagem masculino, lembrando muito a Lois Lane da fase das animações dos irmãos Fleischer para o Super-homem. Esse posicionamento abriu espaço para mudanças nas mentalidades dessas personagens femininas, como, por exemplo, a mudança da Mulher-Hulk de simples cópia do personagem masculino para uma personagem complexa, divertida e original.

Os anos de 1980 darão continuidade a esse novo modo de ver a mulher, muito diferente de sua origem. Com as reformulações de muitas personagens femininas, entre elas a própria Mulher-Maravilha, os quadrinhos foram, cada vez mais, conquistando um nível de qualidade textual e gráfico melhor. Mas o papel dessa mulher nas revistas em quadrinhos entre os anos 80 e 90 não respondeu ao caminho que vinha sendo traçado. Ou, como foi dito por Sarah Dyer, criadora e editora americana de quadrinhos na matéria da revista Wizard, “há potencial (nos Quadrinhos), mas parece que, para cada passo adiante, damos dois atrás”.

Mas esse pessimismo correspondia, conforme percebe-se na data de produção da matéria, à sua contemporaneidade. Embora tenham surgido boas personagens, como é o caso de Elektra (1980) e outras tantas tenham sido reformuladas para atender o novo e exigente mercado, a

indústria permitiu criações que fizeram justamente o contrário, marcando esse período com personagens densamente erotizadas, fazendo com que as editoras bancassem “gigolôs”, um movimento reacionário diante dos avanços que era assistido até então.

O mercado de quadrinhos, após os anos 90, ganhou um “bom” editorial sem precedentes. A quantidade de revistas lançadas nunca foi tão exacerbada, e isso permitiu uma variedade de temas e modos de se criar personagens e histórias.

Já temos momentos de importante destaque entre os anos 80 e 90, e essa linha de pensamento, mesmo interferida com criações negativas para o papel da mulher, consegue se manter forte. Como, por exemplo, a personagem Tempestade, líder dos X-men, personagens criados nos anos 60, mas reformulados nos então anos 80. Ororo, nome real de Tempestade, é uma mulher forte, decidida, uma negra que tem papel vital para a revista. Hoje é possível ver papéis semelhantes e atitudes que valorizam a mulher nos quadrinhos atuais. Por questões de mercado, conseguiu-se unir mulheres belas e sedutoras com personalidades decisivas e independentes.

Assim, o mercado de quadrinhos, mesmo com tantos erros nefastos, obedece a uma lógica que reflete o interesse do público. Isso permitiu situações machistas e deprimentes, mas isso também ofereceu resultados positivos que podem ser conferidos em obras mais atuais, muitas delas atendendo a um público feminino maior e mais exigente. Mas a trajetória ainda não acabou.

III. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura em geral sempre construiu um papel idealizado da mulher, correspondendo às expectativas da mentalidade dominante vigente. Sempre foi apresentada uma mulher em condições de inferioridade em relação aos personagens masculinos. Suas raízes perdem-se no passado, o chamado mundo patriarcal sempre escreveu seu universo social, seja em textos religiosos ou obras literárias, numa confirmação dessa dominação masculina da família ao ambiente de trabalho.

Toda a Antiguidade experimentou essa maneira de registro idealizado de divisão de gênero da sociedade. A literatura, de qualquer natureza, demonstrou a mentalidade entre homens e mulheres, principalmente de homens para mulheres. Teremos mitos na Antiguidade e contos na Idade Média repetindo a mesma receita. Mas, para mostrar a fraqueza de sua defesa, o machismo sofreu revezes, respostas diante das relações entre homens e mulheres conforme as modificações do tempo, e isso se expressou na literatura, também.

As produções de revistas em quadrinhos apenas obedeceram a essa tradição que sua irmã literatura ofereceu. O papel da mulher correspondia, senão a uma realidade imposta, a uma idealização social. E mesmo quando se conquistava novos espaços, reações das mentalidades dominantes esforçavam-se para manter sua inferioridade. Algumas personagens tiveram grande importância na mudança dessas mentalidades, a própria Mulher-Maravilha foi usada como símbolo do feminismo eras depois de seu nascimento, mesmo com o período tenebroso de sua história.

As mudanças sofridas no papel dessas personagens de quadrinhos, em suma, aquelas que participaram da era dos super-heróis, foram cruciais para entender as mudanças na realidade refletida que estava fora das páginas fictícias. Refletir sobre até que ponto as modificações na

produção dos quadrinhos foram efetivadas e como este tipo de literatura serviu como registro da nossa cultura e mentalidades, é um questionamento para as futuras pesquisas.

IV. REFERÊNCIAS

GRESH, Lois H. WEINBERG, Robert. **A ciência dos Super-Heróis**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

MOYA, Álvaro de. **História das histórias em quadrinhos**. Segunda edição. Editora Brasiliense, 1996.

PATATI, Carlos. BRAGA, Flávio. **Almanaque dos Quadrinhos: 100 anos de uma mídia popular**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

http://en.wikipedia.org/wiki/William_Moulton_Marston

<http://neocodex.vilabol.uol.com.br/ernestoribeiro/texto03.htm>

<http://www.midiasemmascara.com.br/editoria.php?id=19>

http://en.wikipedia.org/wiki/Fantastic_Four

http://en.wikipedia.org/wiki/Mary_Jane_Watson